

A CONSTRUÇÃO DISCURSIVA DA COMEMORAÇÃO DO DIA DO ÍNDIO NO MUSEU DO ÍNDIO PELA MÍDIA TELEVISIVA

Cristina de Jesus Botelho Brandão
Museu do Índio / FUNAI

Introdução

Ao observar as matérias televisivas sobre a cobertura da comemoração do Dia do Índio (19 de abril) no Museu do Índio (Rio de Janeiro – Brasil), com os meus olhos de assessora de imprensa da instituição, percebi logo um conflito a ser investigado entre o que aparece na tevê e a proposta deste museu. O discurso institucional do Museu do Índio apresenta a intenção de modificar a imagem preconceituosa que os brasileiros têm sobre os índios. No entanto, a sua programação comemorativa aparece, na tela da TV, exibindo, com frequência, imagens que reforçam aspectos “primitivos” e genéricos dessas sociedades, como a cena de índios dançando com os corpos pintados e enfeitados de penas – descontextualizada da realidade da etnia em foco – que se repete, anualmente, em várias edições dos telejornais.

Na perspectiva do senso comum, em nossa sociedade, opera-se com a imagem de índio genérico. Não são consideradas as variedades cultural, linguística e social inerentes às sociedades indígenas brasileiras. Cada uma possui a sua própria identidade. Nada ou pouco é informado sobre os aspectos da vida tribal, as relações entre esta e a sua concepção do mundo, a riqueza de seu sistema de parentesco e descendência.

Sabe-se das relações que variados setores da sociedade envolvente mantêm com os índios por meio de concepções estáticas da cultura. Para a maior parte dos brasileiros, o índio continua sendo concebido como um primitivo, aborígene, que para ser reconhecido como portador de cultura indígena deve viver no mato, usar diadema (cocar), etc. Senão ele não é um índio de verdade e não se leva em conta o seu relacionamento com outras comunidades culturais e suas adaptações criativas de saberes ancestrais. Acontece aqui o apagamento da contemporaneidade dos índios, isto é, o índio é situado quase sempre no pretérito.

O meu projeto de pesquisa nasceu, também, associado à ideia de Jean Davallon (1999) da imagem como objeto cultural operador de memória social. O problema a ser investigado está no contexto da representação dos índios veiculada pela televisão. Assim, apresento o meu objeto de pesquisa: a comemoração do Dia do Índio transmitida pela tevê, tendo como base de dados o clipping televisivo – uma seleção por temas de matérias jornalísticas – “Dia do Índio no Museu do Índio (1996-2008)”. A análise é realizada a partir da investigação da imagem da comemoração do Dia do Índio – que acontece dentro do Museu do Índio – exibida pelo RJTV Primeira Edição/ TV Globo, o telejornal que mais está presente na cobertura dessa comemoração.

Dentro do meu campo de investigação, levando em conta o fato de a televisão ser um sistema de significação, representação e poder, construindo a memória social pelas práticas discursivas engendradas, comecei a observar as matérias jornalísticas anuais produzidas, pela TV, sobre o Dia do Índio no Museu do Índio. A princípio, essa mídia, de um modo geral, pautou da mesma maneira o tema nessa instituição, lembrando, aqui, que exerço o papel de assessora de comunicação social desde 1987, servindo de canal entre o museu e a mídia. A minha impressão era de que, nos últimos anos, as emissoras apresentavam, repetidamente, o mesmo formato de matéria em relação à comemoração do Dia do Índio no Museu do Índio: fazendo semelhantes perguntas, enquadrando sempre pelo mesmo ângulo imagens de manifestações culturais como a de índios cantando e dançando com pinturas e adornos, sem discussões detalhadas sobre a problemática indígena, preferencialmente em um ambiente festivo diante de um público escolar infantil. Por que silenciar a imagem do índio vestido, do índio urbano? Mas isso não quer dizer que os sentidos que deslizam nos discursos veiculados pela mídia sobre os índios sejam sempre os mesmos. Seriam, simplesmente, reportagens burocráticas para lembrar o Dia do Índio? Não haveria nelas situações em que as vozes das diferentes etnias indígenas conquistassem posição nesse jogo de práticas discursivas, de construção de memória?

Durante esses vinte e dois anos trabalhando no Museu do Índio e à frente dos contatos com a mídia, venho observando que a instituição, ao promover eventos com a presença de índios apresentando suas manifestações culturais como danças e cantos, atrai mais facilmente a mídia. É importante informar que os índios, durante a programação, quase sempre estão “vestidos de índios”: pinturas no rosto e no corpo, enfeites e, preferencialmente, cocares (diademas). Nesse sentido, há que se refletir sobre a possibilidade da eficácia da proposta da programação em valorizar a identidade de diferentes etnias.

A instituição de memória Museu do Índio monta, anualmente, o cenário do acontecimento da comemoração do Dia do Índio e equipes de reportagem retiram fragmentos do evento para representá-lo na midiaticização. Há um conflito entre a proposta da instituição Museu do Índio, divulgada ao público em seu material impresso, e o que é veiculado pela mídia. Dessa maneira, começa a construção do meu problema de pesquisa que surge a partir dessa visão estática que congela uma imagem idealizada do que seja a cultura indígena, cristalizando e reforçando uma determinada representação dos índios. Essa imagem “fixadora” é incoerente com a pluralidade e o dinamismo da realidade indígena. É a manifestação do poder da mídia ao projetar uma identidade pasteurizada do índio. Tal fato impede que a diversidade cultural dos grupos indígenas brasileiros seja amplamente mostrada.

Procuo estudar os silenciamentos/apagamentos e implícitos (pistas e vestígios) em relação às imagens veiculadas para tentar esclarecer, assim, o conflito entre a proposta da instituição Museu do Índio e o que é veiculado pela mídia, investigando a construção discursiva, pela mídia televisiva, da comemoração do Dia do Índio no Museu do Índio. Entretanto, é importante lembrar que há momentos nessas matérias – principalmente em sua dimensão verbal – em que os índios ganham voz e conquistam posição, produzindo sentidos positivos em relação à questão indígena.

A partir disso, surge uma questão: *Como tem sido construída a imagem do índio na mídia televisiva em relação à comemoração do Dia do Índio no Museu do Índio nos últimos dez anos?*

Tomando como referência os estudos da antropóloga Dominique Gallois (2006) que aponta para o pressuposto da autenticidade cultural, arraigado no senso comum, e para a pesquisa da Inesita Araújo (1998) que identifica o discurso primitivista na TV e a ideia dominante de que o índio autêntico é aquele do registro discursivo primitivista, posso especificar melhor a minha questão: como o enunciado do índio autêntico (primitivo), presente no imaginário nacional, se manifesta no discurso midiático televisivo – falas e imagens – relativo às comemorações do Dia do Índio no Museu do Índio? Ou ainda, como a TV se apropria e reforça o enunciado do índio autêntico (primitivo)?

As questões formuladas vão ajudar a dar conta do objetivo geral que é analisar e descrever o processo de produção do discurso relativo à comemoração do Dia do Índio, no Museu do Índio, a partir da investigação do clipping televisivo “Dia do Índio no Museu do Índio (1996-2008)” como base de dados.

Aproveito este momento para explicar os critérios de seleção utilizados para chegar ao *corpus* de minha dissertação. Dentro da minha Linha de Pesquisa Memória e Linguagem, o formato ao vivo das narrativas jornalísticas, das chamadas celebrações midiáticas, encaixa-se adequadamente à discussão da comemoração como um lugar de memória. Ao destacar esse formato, percebemos que a emissora TV Globo, com o seu telejornal RJTV Primeira Edição, foi a mais regular em relação às coberturas da comemoração do Dia do Índio, sendo que duas matérias ao vivo foram descartadas, na análise, por não terem sido realizadas dentro do espaço Museu do Índio. Partindo de sete horas, trinta e cinco minutos e cinco segundos de matérias e programas sobre o “Dia do Índio no Museu do Índio”, encontrei quatro emissões ao vivo realizadas, no espaço da instituição e na própria data comemorativa – Dia do Índio, por um mesmo telejornal. A primeira foi em 1996 e acontecendo de novo somente a partir de 2005. Assim, preenchendo os requisitos de formato ao vivo de coberturas realizadas no Dia do Índio dentro do espaço Museu do Índio, chegamos ao seguinte recorte: RJTV Primeira Edição dos anos 1996, 2005, 2006 e 2007.

Como toda a imagem é discurso (PINTO, 2002), pretendo seguir os preceitos da vertente francesa de Análise do Discurso, a fim de compreender a construção discursiva da comemoração do Dia do Índio (19 de abril), na mídia televisiva, pela análise do clipping das “coberturas” sobre essa comemoração no Museu do Índio.

A justificativa deste estudo repousa no interesse em mostrar a importância da cobertura da comemoração do Dia do Índio no Museu do Índio pela mídia televisiva, como contribuição ao processo de reflexão sobre a construção da memória nacional. Como é construído o discurso da temática indígena, visto e ouvido por milhões de brasileiros, pela telinha da televisão? São versões que podem vir a construir uma memória social. Penso que é de grande responsabilidade contribuir para o processo de reflexão da instituição em relação à divulgação da temática indígena.

No Brasil, há cerca de 220 grupos indígenas que são muito diferentes entre si. A divulgação dos diversos “modos” e “jeitos de” saber e de fazer dos grupos indígenas brasileiros colabora para a preservação desse patrimônio. A UNESCO, que integra o grupo de instituições das Nações Unidas, difunde a recomendação a favor da diversidade cultural por meio da valorização e preservação dos patrimônios culturais material e imaterial indígenas. A UNESCO passou a se destacar na luta pela defesa da riqueza que resulta da diversidade cultural. Isso coloca em evidência a pluralidade cultural que, para ela, é uma condição essencial para o convívio pacífico entre povos.

Outros informes sobre a situação atual dos indígenas no País são necessários, a fim de esclarecer ao leitor aspectos importantes da realidade desse segmento populacional na sociedade brasileira. Conforme o Censo Demográfico IBGE/2000, existem 734 mil pessoas auto-identificadas como indígenas, 170 línguas indígenas e a população indígena está, assim, distribuída por áreas: 47,8% área rural e 52,2 % área urbana.

Segundo a Fundação Nacional do Índio – FUNAI –, há também 63 referências de índios ainda não contatados, chamados de isolados, além de existirem grupos que estão requerendo o reconhecimento de sua condição indígena junto a esse órgão. Mais da metade da população indígena habita as regiões Norte e Centro-Oeste do País, mas encontramos índios vivendo em todas as regiões brasileiras com exceção dos estados do Piauí e Rio Grande do Norte. Mesmo no Piauí, existem grupos de pessoas que vêm se auto-identificando como indígenas e reivindicando tal reconhecimento (dados retirados do site da FUNAI em 27/01/2008).

Para dar conta do objetivo de entender as narrativas utilizadas pela tevê, dirigidas ao acontecimento de comemoração do Dia do Índio no Museu do Índio, lanço mão dos conceitos de discurso, formação discursiva, lugar de memória, memória social, comemoração, celebração midiática, identidade, cultura e representação.

Abordo a comemoração como lugar de memória no sentido dado pelo historiador francês Pierre Nora (1993): lugar onde uma sociedade ancora sua memória. Para tanto, também utilizo o referencial teórico de Michael Pollak (1992) que explica ser possível encontrarmos lugares de apoio da memória na memória mais pública, isto é, nos lugares de comemoração.

Analiso as emissões ao vivo da programação do Dia do Índio fazendo parte das comemorações, também, como lugares de memória. São celebrações midiáticas, em forma de narrativas, que colocam em relevo a questão da memória: o passado é comemorado e reconstruído como acontecimento e, nesse processo, misturam-se o presente e o passado (BARBOSA, 2004).

Em foco, a problemática da autenticidade que é a narrativa sobre a temática indígena construída pelo enunciado do índio autêntico, presente no imaginário nacional, como já dito acima quando construo o meu objeto de pesquisa, revelando a visão estática que embasa a ideia de cultura. Essa concepção se manifesta pela procura da autenticidade, sem considerar a troca de conhecimentos e experiências que um grupo mantém com outros, sem considerar a dinâmica cultural.

Apresento o Museu do Índio – uma instituição de memória - e suas práticas discursivas na tentativa de discutir o meu problema de pesquisa. Inaugurado em 19 de abril de 1953, comemorando o Dia do Índio, o Museu do Índio nasceu como setor da Seção de Estudos – SE – do antigo Serviço de Proteção aos Índios – SPI. Atualmente, está ligado à FUNAI, órgão do Ministério da Justiça. Abriga um rico acervo (peças, publicações e documentos textuais e audiovisuais) relativo à maioria das sociedades indígenas contemporâneas do Brasil. Conforme a sua recente proposta de regulamentação, o Museu do Índio tem como missão preservar o conhecimento pertencente aos povos indígenas no País por meio do desenvolvimento integrado de atividades de conservação, pesquisa, documentação e comunicação dos registros de sua história e patrimônio cultural sob a sua guarda e outros em risco de desaparecimento.

Pretendo, assim, problematizar o papel da mídia, em particular o da televisão, como partícipe na construção da memória coletiva: a televisão reconstruindo memória. Entra também aqui a ideia da imagem como operador de memória social (DAVALLON, 1999), considerando a intervenção concreta da imagem no estabelecimento de uma forma de memória societal própria a nossa época e a nossa sociedade.

1. Análise

Este trabalho relata uma pesquisa de cunho qualitativo com base no arcabouço metodológico da Análise do Discurso – AD – de vertente francesa. A análise propriamente dita acontece a partir da descrição e da identificação das imagens e das transcrições das falas veiculadas pela mídia televisiva e suas recorrências; do estudo dos ângulos da câmera (critérios de enquadramento) e dos seus movimentos; das leituras interdiscursivas entre as imagens; das marcas presentes nos discursos falados pelos enunciadorees (a mídia, os representantes do Museu do Índio e índios) e do controle interacional nas entrevistas.

Além dos textos transcritos, os dados visuais são também ferramentas importantes de investigação, sendo, assim, necessárias, dentro do âmbito da Análise do Discurso, perspectivas voltadas ao estudo da imagem em sua materialidade, o não-verbal. Para tal, utilizo o conceito de policromia aplicado por Tânia Conceição Clemente de Souza (2001) em *A análise do não verbal e os usos da imagem nos meios de comunicação*. Policromia é uma rede de elementos visuais, implícitos ou silenciados, que revela a imagem em sua natureza heterogênea.

Em relação à análise da imagem, assim como na análise de discurso de textos, precisamos estar atentos ao modo como os sentidos estão sendo produzidos. Refletindo a imagem contemporânea como operadora de memória (DAVALLON, 1999), o autor diz que é preciso entender o que é memória social quando lidamos com objetos culturais, no caso as imagens (DAVALLON, 1983). Para tal, cita M. Halbwachs que caracterizou a memória como “o que ainda é vivo na consciência do grupo para o indivíduo e para a comunidade” (Halbwachs, 1950, p.70). Assim, para Davallon, a memória social estaria inteira e naturalmente presente nos arquivos das mídias como um operador de simbolização. Possibilita que um acontecimento seja memorizado socialmente ao mesmo tempo em que se torna histórico.

O trabalho simbólico do discurso é perceptível tanto no discurso textual como no imagético. Ele está na base da produção da existência humana, de sua produção cultural, portanto, é preciso levar também em consideração a eficácia simbólica das imagens. No caso do veículo em questão, a televisão é imagem e fala atuando juntas na produção de sentidos.

Para proceder a investigação com a apreensão e a análise de marcas, lanço mão das seguintes categorias para a compreensão dos sentidos e discursos presentes na linguagem do telejornal: fragmentos textuais e imagéticos a respeito dos indígenas, designações dadas aos índios, enquadramento pela câmera do cinegrafista, presença do enunciado do “índio autêntico” nas imagens e nas falas, enunciadores e elementos visuais (cor, luz e elemento de paisagem).

A escolha por matérias veiculadas por um telejornal exibido por uma televisão aberta, no caso o RJ TV – Primeira Edição da TV Globo, é importante devido a sua grande abrangência, em virtude de seu alto índice de audiência e à conseqüente repercussão na sociedade. Esta emissora é a que mais mostra regularidade nas coberturas relativas à comemoração do Dia do Índio, no Museu do Índio, no período 1996-2008, contando com um maior número de programas realizado sobre a data e dentro do espaço Museu do Índio.

A Rede Globo é uma *holding* que reúne empresas que realizam múltiplas atividades e com investimentos diversos como jornais, rádios, revistas, editora, internet, TV a cabo e canais de TV aberta. É a rede de TV mais sintonizada do País. Difere das demais pela sua preocupação em preservar a sua história através do Centro de Documentação e os projetos Memória Globo, Memória da Criação e Arquivo de Mídia. Ela hoje tem o terceiro maior arquivo de imagem do mundo.¹

O RJTV Primeira Edição possui duas edições: uma ao meio dia (na hora do almoço) e a outra, às 19 horas, antes do Jornal Nacional. Tem, em média, quarenta minutos de duração em sua primeira edição e vinte minutos na segunda. Apresenta notícias da cidade e de todo o Estado do Rio de Janeiro. Sua linha editorial explora debates entre a população e autoridades, adotando um perfil de jornal comunitário.

As quatro matérias que compõem o *corpus* desta pesquisa finalizam as edições do RJ TV. Estão inseridas no último bloco, possuem cerca de três minutos e classificam-se como temas leves por estarem mais ligadas ao entretenimento do que à informação. Elas não apresentam a preocupação de investigar a situação real dos indígenas brasileiros. Segundo Marialva Barbosa, os chamados temas leves são conhecidos como “boa noite”², porque normalmente encerram os telejornais. De um modo geral, os editores procuram sempre encerrar os noticiários com matérias sobre assuntos que não explorem aspectos considerados negativos como violência e tragédias, no intuito de que a saudação de despedida “boa noite” aconteça após um assunto agradável. Nesse caso, a emissão ao vivo sobre o Dia do Índio seria um “boa tarde”, já que a primeira edição do RJ TV é exibida às 12 horas.

Existe uma repetição da estrutura narrativa dessas quatro matérias, exibidas pelo telejornal RJ TV Primeira Edição/TV Globo. Esta repetição levou-me a proceder a análise, incluindo as dimensões visual e verbal, através da divisão da matéria em três segmentos estruturais. São eles: abertura da matéria no estúdio pelos âncoras (apresentadores), cobertura realizada ao vivo no espaço Museu do Índio e encerramento da edição. São exemplos emblemáticos que apontam para os principais mecanismos discursivos e as estratégias recorrentes utilizados. Destacamos os fatos de elas serem matérias no formato ao vivo e de encerrarem a edição do telejornal

Faz-se necessário falar aqui do conceito de discurso apresentado por Pêcheux (1990). Em suas formulações, este conceito está ligado diretamente à ideologia e engloba as noções de formação discursiva e formação ideológica, explicitadas nas obras “Arqueologia do Saber” e “A ordem do discurso” de Foucault. “Para Pêcheux, a formação discursiva é tudo que pode ser dito ou deve ser dito (sob qualquer forma) em determinada formação ideológica, ou seja, a partir de uma posição dada em uma determinada conjuntura” (OLIVEIRA e ORRICO, 2005, p. 80).

¹ Informações retiradas do livro *Juventude e televisão*, de Isabel Travancas, 2007.

² BARBOSA, Marialva; RIBEIRO, Ana Paula Goulart. Telejornalismo na Globo: vestígios, narrativa e temporalidade. In: BRITTOS, Valério Cruz; BOLAÑO, César Ricardo (orgs.) *Rede Globo: 40 anos de poder e hegemonia*. São Paulo: Paulus, 2005.

As formações discursivas manifestam, na linguagem, as formações ideológicas que lhes são correspondentes. Assim, concluímos que não podemos pensar o sentido e o sujeito sem pensar a ideologia, como não podemos, também, pensar a ideologia, discursivamente, sem pensar a linguagem. Então, como afirma ORLANDI (2005), um dos pontos fortes da Análise do Discurso é ressignificar a noção de ideologia a partir da consideração da linguagem: uma definição discursiva de ideologia.

Assim, uma Formação Discursiva – FD – define-se como o que numa Formação Ideológica – FI dada – ou seja, a partir de uma dada posição em uma conjuntura sócio-histórica dada – determina o que pode e deve ser dito. Em outras palavras, uma FD estabelece o que “pode/deve” ser dito num determinado lugar social (MUSSALIM, 2001).

Os enunciados e as designações recortados das falas (o verbal) dos apresentadores, durante as aberturas das quatro matérias analisadas, fazem circular diferentes sentidos em relação aos indígenas – o índio no presente e o índio no passado -, isto é, apontam para duas formações discursivas dominantes: a FD Índio no presente (Anos 1996 e 2005) e a FD Índio no passado (Anos 2006 e 2007). Ora os índios “...fazem parte de nossa história...” e “... ainda lutam para terem suas terras demarcadas...”, ora os índios “...com o passar dos anos, foram perdendo espaço...” e “... têm apenas um dia para serem homenageados”. Percebemos, assim, um deslizamento de sentidos pelos anos no RJ TV Primeira edição: um discurso jornalístico não homogêneo.

Quando procedemos à análise dos outros segmentos do telejornal – a cobertura ao vivo e o encerramento da edição –, incluímos as imagens (o não verbal). Dessa maneira, observamos que, em cada edição do telejornal, essas duas FDs estão presentes em embate, isto é, ora enunciados – presentes tanto na fala como na imagem – estão inseridos na FD Índio no presente ora estão inseridos na FD Índio no passado. Há um deslizamento de sentidos dentro de cada edição. A marca do enunciado do índio autêntico que perpassa pela FD Índio no passado fica evidente na dimensão visual, quando analisamos, por meio dos elementos visuais, as imagens exibidas de todas as cenas finais das quatro edições do telejornal RJ TV.

Agora, na questão do embate entre fala e imagem nas reportagens analisadas, identificamos que os indígenas apresentam um tempo maior de exposição na tela do que a própria instituição midiática, no caso os locutores da Rede Globo, na maioria dos anos analisados. Porém, é a instituição midiática que fala a maior parte do tempo, por meio do apresentador (âncora) e do repórter, em todos os anos. A imagem utilizada para se realizar a medição do tempo de exposição e de fala foi a que sempre estava em primeiro plano, isto é, em destaque no enquadramento realizado pela câmera.

Conclusão

Todo esse trabalho da mídia de recorte do real, pela disseminação de práticas discursivas, gera um processo de produção de memória. Lembrando a importância do papel da mídia na construção de representações sobre a memória nacional, os enunciados dos telejornais têm a possibilidade de poder determinar o que deve ser lembrado e o modo como isso deve ser feito. No caso da situação do índio, observamos, nas análises de quatro edições do RJ TV, a presença, entre outras, da Formação Discursiva Índio no passado. Abordar a questão indígena, no pretérito, pode funcionar como um apagamento da luta indígena.

Se, como ouvimos da mídia, os grupos indígenas não possuem mais espaço e, hoje, só têm o Dia do Índio para serem homenageados, a questão da regularização de suas terras é passível de perder importância. O enunciado do índio autêntico pode ser usado para por em dúvida a identidade étnica dos índios urbanos, os que vivem nas cidades. Se eles estão vestidos e não estão no mato, então, não são índios de verdade. Para fechar este parágrafo e citar o mito do jornalismo verdade, destacamos aqui a fala de Foucault sobre a ligação da verdade e os tipos de discurso que ela acolhe a sistemas de poder: “(...) A verdade está circularmente ligada a sistemas de poder que ela induz e que a reproduzem. (...) Cada sociedade tem seu regime de verdade, sua política geral de verdade: i.e., os tipos de discursos que ela acolhe e faz circular como verdadeiros.” (FOUCAULT, 1984, p.12-14).

Percebemos cada reportagem como uma ação de vigilância comemorativa em relação à construção da memória nacional. Chamo atenção aqui para o aspecto de que as pautas das tevês, geralmente, recomendam a cobertura do Dia do Índio no formato ao vivo. A comemoração do Dia do Índio no Museu do Índio é celebrada na mídia e faz circular discursos que fazem parte de um contexto histórico maior. Atinge os telespectadores ao retomar discursos fundadores de sua identidade por meio de sentidos fortemente presentes no imaginário nacional.

Quando a TV transmite ao vivo a comemoração do Dia do Índio, acabam as fronteiras temporais – o presente e o passado se misturam –, além de criar um efeito de realidade por se reportar diretamente ao acontecimento.. A princípio, não possuem a pretensão de debater ou aprofundar a questão indígena no país, mas, sim, de celebrar a data, para que os índios – “os primeiros habitantes de nossa terra”³ – não sejam esquecidos. Essa celebração é montada estrategicamente, pela mídia, em sua dimensão visual, por meio de determinados ângulos e movimentos de câmera.

Vamos falar, agora, sobre a distância entre o índio da mídia e do imaginário e o índio real, pertencente a sociedades contemporâneas. Está muito recorrente, em minha análise, a presença do que chamo de enunciado do índio autêntico (primitivo) nas reportagens do telejornal RJ TV – Primeira Edição, principalmente na parte imagética: a imagem de índios dançando e cantando suas manifestações culturais, pintados e com enfeites como se estivessem numa festa na aldeia.

Nas cenas que se repetem anualmente, essas matérias jornalísticas mostram um acontecimento de celebração do Dia do Índio, onde eles – os homenageados – fazem parte da festa, também em atitude de comemoração. Eles são retratados sempre com modos de se vestir e de se portar diferentes dos da nossa sociedade. O índio autêntico é aquele pré-construído que faz parte de um imaginário nacional sobre os índios e esta imagem é reafirmada nos telejornais analisados. É um discurso construído de como o índio deve ser, caso contrário, ele não é um índio de verdade. Está ligado a uma memória discursiva construída há muito tempo, principalmente pela literatura e livros didáticos.

Embora reconheçamos duas formações discursivas disputando a hegemonia no discurso jornalístico do RJ TV relativo à comemoração anual do Dia do Índio no Museu do Índio, em 1996, 2005, 2006 e 2007, percebemos um permanente deslizamento de sentidos em relação aos indígenas pelos anos.

Uma se refere ao índio no passado. Para a produção de pauta desses noticiários, é lá, no Museu do Índio, que ele ainda pode ser encontrado, já que os índios não possuem mais espaço na sociedade nacional de acordo com essa concepção que os apresenta no passado. As emissoras de televisão, ao cobrirem a programação de comemoração do Dia do Índio, buscam nesta instituição de memória – guardiã da cultura indígena – o índio autêntico. Informo que não é essa a posição que apreendemos do Museu do Índio em relação ao índio.

O Museu, em seus discursos presentes no material de divulgação, destaca a diversidade das culturas indígenas brasileiras, além de difundir a noção de cultura como dinâmica. A TV, ao exibir em sua tela a comemoração do Dia do Índio, no Museu do Índio, fragmenta o cenário das apresentações indígenas (danças e cantos) que estão contextualizadas na programação elaborada pelo Museu do Índio, cuja intenção é a preservação e divulgação do patrimônio cultural indígena segundo recomendação da UNESCO. As exposições de manifestações indígenas promovidas pela instituição – como danças, cantos e rituais – procuram, nesse sentido, dar visibilidade às etnias indígenas. Assim, um dos objetivos da instituição – a comunicação das várias culturas indígenas – é cumprido durante essas transmissões que servem para construir a memória nacional.

A outra Formação Discursiva é a do índio no presente, na qual a questão indígena é contemporaneizada. Aqui, os índios estão presentes e exercendo sua cidadania, com reivindicações e participação política, convivendo conosco numa mesma nação. Seus costumes não são tratados, simplesmente, como influências na nossa cultura e, sim, como modos diferentes de saber e de fazer ainda realizáveis, o que nos faz acreditar que a diversidade cultural pode também ganhar voz nessa poderosa mídia, cuja supremacia sobre os outros meios de comunicação é inquestionável.

Há um embate claro entre fala e imagem, no segmento da cobertura ao vivo do telejornal, entre os enunciadores mídia (repórter), índio(s) e representantes da instituição Museu do Índio. Destaco a análise feita para o extrato do ano de 2007, onde os índios falaram mais alto, demonstrando uma reação a sua posição passiva como meros figurantes. Neste caso, o cenário de uma entrevista jornalística, ao vivo, em um telejornal que veicularia apenas a voz da instituição com os índios ao fundo, num clima de festa, mas sem voz e com pouca exposição da imagem indígena, foi interpelado pelos índios. Houve uma combinação anterior para que a apresentação dos índios fosse depois da entrevista com o diretor do Museu do Índio. Eles não seriam entrevistados e “apenas” cantariam e dançariam no final da matéria. A indicação dessa informação deve-se ao fato de eu, como assessora de imprensa, estar presente durante a produção dessa reportagem dentro do Museu do Índio.

Ao tentar “roubar” a cena, os índios entraram na disputa pelo domínio dos sentidos negociados na tevê que funcionou aí como um palco, ou melhor, como uma arena. Antes do ponto final, soa positivo

³ Enunciado recorrente nas cabeças, apresentações, dos noticiários analisados.

comparar essa reação dos índios – às condições de produção próprias do discurso televisivo – a uma brecha encontrada por eles para conquistar uma posição no jogo de práticas discursivas disputado nas telas da TV.

A TV com seus recursos de edição e de enquadre das imagens seleciona o que vai ser visto pelo público, além de, muitas vezes, usar o texto para impor seu ponto de vista em determinada cena a ser exibida⁴. Apaga ou silencia imagens e, outras vezes, deixa na tela vestígios de imagens já carregadas de sentidos para o público. Assim, controla a visibilidade, exerce um jogo de práticas discursivas, construindo a própria realidade e uma memória discursiva relativa aos grupos indígenas brasileiros. Como exemplo, quando uma dança indígena é denominada pela repórter. Percebemos aí o trabalho da palavra parafraseando imagens (SOUZA, 2001), isto é, as imagens ganham visibilidade pelo olhar e interpretação da emissora. Flashes de imagens são descritos com as narrativas em *off* da repórter. A dança não é explicada e nem denominada pelos índios, nem há preocupação pela mídia em contextualizá-la como um ritual cultural de uma determinada etnia, o que provoca um silenciamento dessa manifestação cultural.

Isso contribui para o entendimento do problema de minha pesquisa: o silenciamento, por parte da mídia, de imagens que mostrem a realidade indígena contemporânea e sua diversidade cultural, além de seu caráter dinâmico, dentro do cenário da comemoração do Dia do Índio no Museu do Índio.

O segmento final tem marca discursiva importante, já que é a última ideia do diálogo da mídia com o público. Este se revela, então, como a cena emblemática da comemoração do Dia do Índio pela tevê. Considerando a celebração midiática como um instrumento utilizado pela prática jornalística para construir uma dada memória da sociedade, são os sentidos postos pela Formação Discursiva Índio no passado que predominam, nesta parte, ao mostrar a dança e a música do índio genérico, cristalizado no passado. A regularidade das cenas aponta para a repetição da representação do índio autêntico (primitivo) num cenário de festa, isto é, a imagem dominante de índios dançando e cantando em roda, em primeiro plano, por meio de tomadas em conjunto. Podemos considerá-la um padrão evidente, já que se encontra aí uma regularidade nas imagens da cena final. Índios aqui no sentido de uma entidade genérica, distantes da realidade indígena com cerca de 220 grupos distintos entre si. A imagem do índio neste encerramento, nesta comemoração, é a do índio do passado, do senso comum.

São os seguintes mecanismos e estratégias usados na construção desse discurso a respeito dos índios que ora divulga ora silencia os índios e sua cultura: o uso de enunciados assertivos nas aberturas das matérias; a predominância de poder da voz da mídia pela tomada de vozes no controle interacional durante as entrevistas nas coberturas ao vivo; o parafraseamento das imagens pela fala do repórter nas cenas ao vivo; as designações dadas aos indígenas; a estratégia de resistência quando a voz do enunciatador índio disputa hegemonia no segmento ao vivo ambientado no Museu do Índio e a exibição da dança e da música do índio genérico, cristalizado no passado, no encerramento da edição.

Nas coberturas dessa comemoração, no Museu do Índio, pelo RJ TV Primeira edição, há duas formações discursivas – a FD Índio no presente e a FD Índio no passado – produzindo diferentes sentidos, apontando uma aparente contradição num mesmo veículo. Lembramos aqui dos fundamentos da Análise do Discurso que trabalha com o deslizamento dos sentidos num mesmo campo discursivo. Uma Formação Ideológica – FI opera com mais de uma força ideológica. Desse modo, seriam duas as formações discursivas do telejornal RJ TV Primeira edição da Rede Globo.

Percebemos, então, que fala e imagem não caminham de mãos dadas. Escutando as quatro aberturas lidas pelos apresentadores no estúdio, percebemos enunciados sobre a contemporaneidade dos povos indígenas, revelando a participação desses grupos minoritários na vida nacional. Já a imagem dos índios em roda, predominante nos segmentos finais, refere-se à representação consagrada no imaginário nacional. O verbal e o não verbal merecem conclusões separadas: a imagem ainda opera com o índio do imaginário e a fala já aponta para o índio real, contemporâneo.

Referências

- ARAÚJO, I. S. Televisão e indianidade: questões sobre a construção narrativa da imagem dos índios pela televisão. *Revista Informar*, Rio de Janeiro, v. 4, n. 2, p. 30-46, jul./dez. 1998.
- BARBOSA, Marialva Carlos. Jornalistas, “senhores da memória”? In: CONGRESSO DA INTERCOM, 27., 2004, Porto Alegre. *Anais...* Porto Alegre: PUC-RS; Intercom, 2004.
- DAVALLON, Jean. A imagem, uma arte de memória. In: ACHARD, Pierre et al. *Papel da memória*. São Paulo: Pontes, 1999.

⁴ O caso do parafraseamento que acontece nos telejornais.

- FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. São Paulo: Edições Loyola, 2006.
- FUNAI. Brasília, DF, 2008. Disponível em: <www.funai.gov.br>. Acesso em: 27 jan. 2008.
- GALLOIS, Dominique (Org.). *Patrimônio cultural imaterial e povos indígenas*. Exemplos no Amapá e norte do Pará. São Paulo: Iepé, 2006.
- HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990.
- _____. *La Mémoire collective*. Paris: Presses Universitaires de France, 1950.
- IBGE. Comunicação Social. *Tendências demográficas: uma análise dos indígenas com base nos resultados da amostra dos censos demográficos 1991 e 2000*. Rio de Janeiro: IBGE, 2005.
- NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. *Proj. História*, São Paulo, n. 10, p. 7-28, dez. 1993.
- MUSEU DO ÍNDIO. *Dia do Índio*. Rio de Janeiro, n. 60, 2005. 1 cassete son. (90 min.): estéreo.
- MUSEU DO ÍNDIO. *Dia do Índio*. Rio de Janeiro, n. 61, 2006. 1 cassete son. (90 min.): estéreo.
- MUSEU DO ÍNDIO. *Diversos programas jornalísticos*. Rio de Janeiro, n. 5, 1996. 1 cassete son. (90 min.): estéreo.
- MUSEU DO ÍNDIO. *Sem título*. Rio de Janeiro, 2007. 1 cassete son. (90 min.): estéreo. Em catalogação.
- OLIVEIRA, Carmem Irene Correia de; ORRICO, Evelyn Goyannes Dill. Memória e discurso: um diálogo promissor. In: GONDAR, Jô; DODEBEI, Vera (Org.). *O que é memória social?* Rio de Janeiro: Contra Capa, 2005.
- ORLANDI, Eni Puccinelli. *Análise do discurso: princípios e procedimentos*. Campinas, SP: Pontes, 2005.
- PÊCHEUX, Michel. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Campinas, SP: UNICAMP, 1997
- PINTO, Milton José. *Comunicação e discurso: introdução à análise de discursos*. São Paulo: Hacker Editores, 2002.
- POLLAK, M. Memória e Identidade Social. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.
- _____. Memória, Esquecimento, Silêncio. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.
- TRAVANCAS, Isabel Siqueira. *Juventude e televisão: um estudo de recepção do Jornal Nacional entre jovens universitários cariocas*. Rio de Janeiro: FGV, 2007.
- _____. *O mundo dos jornalistas*. São Paulo: Summus, 1993.